

HOMENAGEM A PEDRO PAULO MONTENEGRO

Sânzio de Azevedo

SEGUINDO determinação da Presidente desta Academia, a minha amiga professora Angela Gutiérrez, falto hoje às caminhadas que faço a conselho médico e rendo homenagem a Pedro Paulo Montenegro que, nascido em Quixadá no dia 9 de janeiro de 1928 (há 92 anos) faleceu em Fortaleza no dia 9 de julho do ano de 2019 (há seis meses).

Licenciado em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará.

Tendo feito Mestrado em Teoria da Literatura na Universidade de Madri, revalidou esse título com um estudo sobre Araripe Júnior, estudo do qual falaremos oportunamente.

Seu primeiro livro, publicado em 1966, é *Convivências*. No Prefácio da obra, Braga Montenegro, um dos maiores críticos que tivemos, destaca a pertinência do título:

“De fato, a matéria aqui agitada dá uma ideia bem definida de boa convivência com os mestres de quem recebeu os ensinamentos nos quais apoia suas ‘anotações’ e ‘apreciações’.”

Fala também da convivência com os alunos e acrescenta:

“Convivência, principalmente, com o mestre de toda uma geração de críticos e professores espanhóis e latino-americanos -- Dámaso Alonso.”

O focalizado desta palestra, além de Titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Ceará, foi Pró-Reitor de Extensão e coordenador dos cursos de pós-graduação em Letras. Professor Emérito, foi visitante na Universidade de Colônia, Alemanha, e na

Universidade do Tennessee, EUA. Nesta Academia ingressou em 7 de outubro de 1970, para ocupar a Cadeira nº 24, cujo Patrono é o poeta Lívio Barreto, vaga com o falecimento de Gastão Justa, tendo sido saudado por Artur Eduardo Benevides. Foi ainda Adjunto de Catedrático do Magistério do Exército.

Do citado livro *Convivências* podemos pinçar alguns trechos que afirmam a segurança do autor ao tratar de problemas de literatura. Como este:

“Devemos encarar a obra como a relação íntima de conteúdo e forma, como atitude de espírito que se transfigura concretiza uma visão do mundo do artista, fruto ela de sua quádrupla contextura: física, fisiológica, psíquica e social.”

Ou este outro:

“A obra de arte literária é um todo orgânico. É corpo e espírito que se interpenetram e se completam. É conteúdo e forma a uma vez.”

Mas o que nos chamou mais a atenção foi o que disse no capítulo “*Os Sertões*, obra de arte literária”. Ouçamo-lo:

“Desde sua primeira linha, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, convence pela monumentalidade de seu arcabouço, pela grandiosidade do Fato descrito como foi descrito, pela correspondência admirável de conteúdo e forma que determina prazer estético a derramar-se das páginas do livro pela sensibilidade e inteligência do leitor.”

E, adiante:

“Euclides da Cunha, realizando forma e conteúdo numa mesma matéria, estiliza seu relato, estiliza a vida por ele observada. Tudo aqui – assuntos, tema, obra – vem elevado à categoria de concepção artística.”

O livro *A Teoria na Obra Crítica de Araripe Júnior*, trabalho citado com que o autor revalidou seu Mestrado feito na Espanha, fundamenta-se nos cinco volumes organizados por Afrânio Coutinho com os textos críticos do escritor cearense.

Falando desse que, em seu tempo, foi um dos maiores críticos do Brasil, ao lado de Sílvio Romero e José Veríssimo, diz Pedro Paulo Montenegro:

“Desde os tempos da Faculdade de Recife e da convivência com o grupo da ‘Academia Francesa’, carregava o hábito da leitura. Era um leitor insaciável e punha nesse árduo trabalho um zelo que ia até os extremos do cuidado material com seus volumes, segundo testemunho de parentes e amigos.”

Nosso homenageado, ao tratar dos livros de ficção de Araripe Júnior, como *O Ninho do Beija-Flor*, *Jacina*, *a Marabá*, *Luizinha*, *O Cajueiro do Fagundes*, *Miss Kate* e outros, observa lucidamente:

“Faltavam-lhe, porém, não há negar, a vocação de ficcionista, a originalidade e o poder de recriar o assunto. Deixou-se influenciar demasiado por Alencar, ora cair no puro documentário.”

Para ele, Araripe Júnior foi, acima de tudo, crítico, daí afirmar:

“O que nos surpreende, desde as primeiras leituras dos ensaios críticos de Araripe Júnior, é o tratamento que dá às obras literárias. Vê que é nelas que reside a razão de ser de sua valorização e que o prazer estético é rigorosamente referido ao objeto, à própria obra-de-arte.”

Após percorrer toda a obra crítica do conterrâneo, conclui Pedro Paulo Montenegro que três grandes linhas norteavam a crítica literária na obra do mestre: “o sentido nacional de sua obra – diz -, a inquietação universal de que foi alvo o seu espírito e a preocupação metodológica sempre presente em leituras e escritos.”

E agora, que me aproximo do final desta conversa, peço licença para falar um pouco de mim mesmo, pois tenho a honra de ter sido amigo do homenageado de hoje.

Primeiro, lembro que nos anos 70 do século passado, ao publicar em livro o que durante anos passava aos alunos na disciplina Teoria do Verso, na UFC, estava em dúvida se o título seria compêndio de Teoria

do Verso (que me parecia pedante) ou Noções de Teoria do Verso (a meu ver excessivamente modesto). Conversando sobre isso com Pedro Paulo Montenegro, ele sugeriu-me o título *Para uma Teoria do Verso*, que aceitei na hora, convidando-o a escrever o texto da quarta capa.

Depois, nos anos 90, não podendo a Academia Cearense de Letras editar os *Novos Retratos e Lembranças*, de Antônio Sales, fui encarregado de levar os originais ao Dr. Martins Filho, que publicaria o livro pela Casa de José de Alencar. Tinha uma Apresentação de Pedro Paulo Montenegro e um Prefácio de Herman Lima. Levei os originais, sem acrescentar nada que levasse meu nome. Ao ser publicado o livro, tive a surpresa de ver que Pedro Paulo Montenegro havia incluído em sua Apresentação um longo parágrafo citando-me a propósito de meus estudos sobre Antônio Sales.

Para concluir, apenas um fato que muito me honra: Pedro Paulo Montenegro e eu iríamos receber a Medalha Tomás Pompeu, por serviços prestados à Academia ao longo de mais de quarenta anos. Fernanda, minha mulher, não poderia comparecer, atarefada que estava com a orientação de mestrando da UFC. Imaginei que D. Germana, esposa do meu amigo, iria pôr a medalha na sua lapela. E eu teria que arranjar quem fizesse o mesmo por mim.

Foi quando o Presidente de então, o historiador e bibliófilo José Augusto Bezerra, teve uma ideia no mínimo original: cada agraciado pôs a medalha na lapela do outro...

Senhoras e senhores, foi com prazer que evoquei aqui a figura do meu amigo e mestre Pedro Paulo Montenegro, de quem guardo uma imensa saudade.

Muito obrigado.